

VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



VOU APRENDER A LER, PARA ENSINAR MEUS CAMARADAS

Cláudia Luísa Zeferino Pires

Lara Machado Bitencourt

Organizadoras

Longe de ser homogênea, na cidade, temos a presença quilombola, sustentando suas terras e seus territórios, que se constituem pela resistência. Essas resistências compreendem os movimentos no espaço, criados pelas conexões afetivas, familiares, territoriais, religiosas, e muitas outras práticas, que dão suporte à vivência dos territórios quilombolas.

Desse processo, inúmeros conflitos emergem do embate entre a hegemonia do sistema da propriedade privada, por parte dos que detêm maior poder econômico, e os modos de fazer das comunidades quilombolas. Colocando em xeque a possibilidade de se vincular à terra e ao território, através do processo de regularização fundiária no espaço urbano.

Logo, a apropriação espacial está pautada em processos de conscientização e de emancipações política e social, pois o território em construção se estabelece pelo conflito entre diferentes interesses e pela produção da cidade em seus múltiplos usos, de modo que as práticas do sistema colonizador foram sempre acompanhadas pelas dominações simbólica e espacial. No espaço da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a colonização é acompanhada pela ideologia racial, presente no processo de formação socioespacial brasileira, que justificou a subordinação, a exploração, a exclusão e o extermínio da população negra, colocada às margens dos processos de desenvolvimento econômico, social e espacial brasileiros.

Enquanto acadêmicas, ocupamos nosso lugar de privilégio, a partir do Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), para aprender a ler o espaço geográfico, desvendando as máscaras sociais, que o envolvem e que o aprisionam. Nesse movimento, criamos redes de solidariedade e de produção de conhecimento, que se desenvolvem, a partir do mundo vivido e da sabedoria popular, e que, por sua vez, tecem outros mundos possíveis, que emergem das disputas, que, cotidianamente, se impõem às dinâmicas do espaço geográfico.



O NEGA E OS QUILOMBOS URBANOS

O Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA), do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi criado em 2003, com o objetivo de tratar as questões ambientais na sua relação com a pesquisa, com o ensino e com a extensão. Seu trabalho está pautado numa perspectiva dialógica de trabalho coletivo, com diferentes grupos sociais e espaços, que historicamente estão submetidos à exclusão e à opressão sociais. O grupo se expressa em diversas e diferentes ações e projetos, voltados à educação e ao planejamento do espaço geográfico, com ênfase nas questões ambientais e territoriais, sobretudo, aquelas ligadas às injustiças sociais, a que diferentes grupos estão submetidos. Essas são as questões que permeiam os debates, dentro do Núcleo, e elas conduzem nossas práticas, vinculadas às pesquisas na dimensão ambiental, na educação, na Geografia e na Cartografia Social, enquanto metodologia de luta no e pelo espaço.

Com experiências, relacionadas a práticas de gestão e ao uso dos recursos hídricos na Reserva Extrativista Chico Mendes (AC) e no Parque Nacional da Tijuca (RJ), com participação nas discussões sobre a regularização fundiária e com o mapeamento participativo na Amazônia (FLONA de Tefé), aos atingidos por barragens no Rio Grande do Sul, às comunidades ribeirinhas no Delta do Jacuí e a projetos desenvolvidos na Região Metropolitana de Porto Alegre, com destaque para estudos nos bairros Restinga, Rubem Berta, Sarandi, entre outros, incluindo experiências com educação geográfica e antirracista, o trabalho do núcleo tem, por objetivo, instrumentalizar as comunidades estudadas, a fim de promover a popularização da ciência e o acesso à justiça social.

A cartografia social, de caráter participativo e que se desenvolve, através da escuta e do registro das narrativas dos interlocutores sobre o seu lugar, tem, por objetivo, promover o reconhecimento e a demarcação dos territórios presentes e em disputa na multifacetada paisagem geográfica. Os protagonistas dos mapeamentos são as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas, periféricas da cidade e do campo, que procuram e que demandam do NEGA uma parceria na luta popular.

É nesse contexto que, a partir de 2011, iniciam os trabalhos com os quilombos urbanos em Porto Alegre (RS). Em 2013, o trabalho com as comunidades quilombolas se consolidou, com o convite da comunidade do Quilombo dos Alpes, para a realização do mapeamento participativo do seu território quilombola, e, posteriormente, com o desenvolvimento de projetos de educação geográfica em parceria técnica com o projeto habitacional. A partir dessa aproximação com os territórios quilombolas e com as suas demandas, o NEGA também se torna parceiro e apoiador de ações importantes, relacionadas ao Movimento



Social Frente Quilombola do RS, ao Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos – RS (IACOREQ-RS) ao Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnia (Instituto AKANNI). É a partir dessa inserção e do diálogo, construído com as comunidades e com o movimento social quilombola, que o *Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS* se apresenta, como resultado desse acúmulo de experiências do grupo de trabalho, com atuação junto aos territórios quilombolas, composto por acadêmicos dos cursos de graduação e de pós-graduação em Geografia.

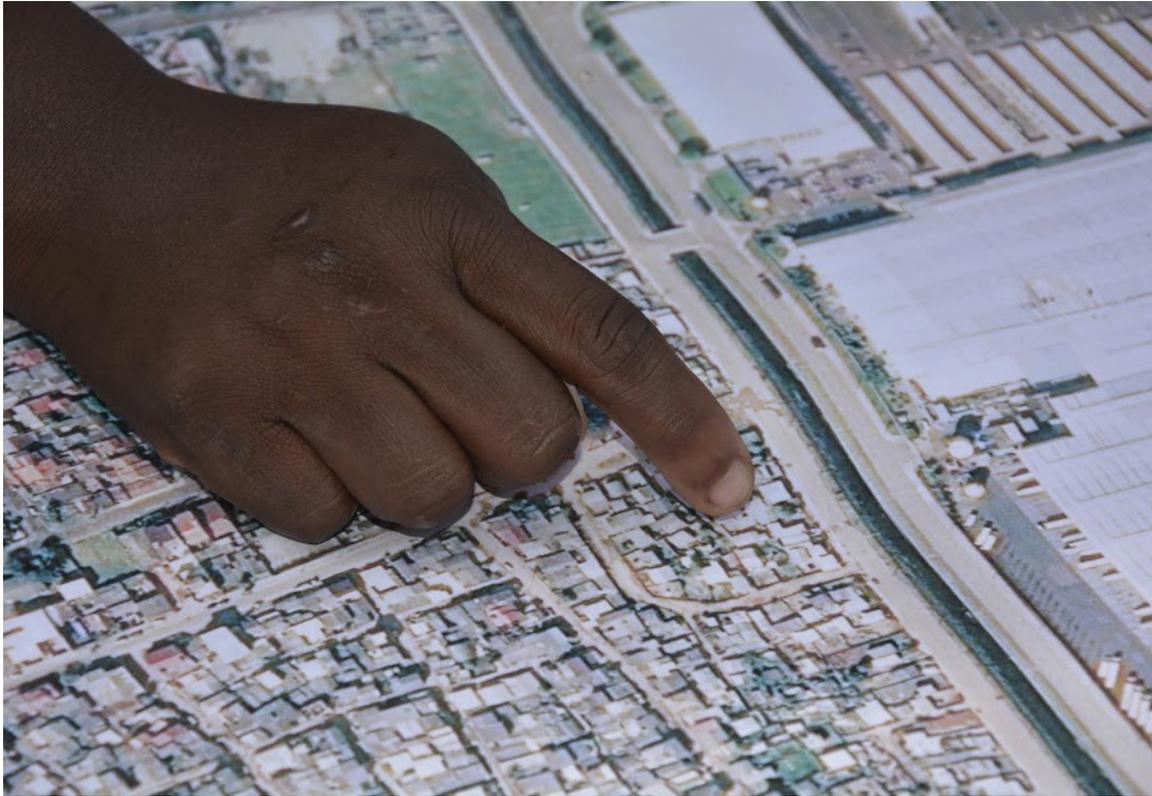
ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE

Por que atlas? Usualmente, a referência que se tem para a palavra atlas vem da mitologia grega, com a representação de Atlante, o titã que sustenta o mundo sobre os ombros. Em nosso mundo ocidental, esta representação se consolidou no imaginário sobre a representação do Atlante, porém imersa nos processos de colonização, em que os ombros sustentam um excesso de obrigações e de tarefas. Desta forma, também representa a coleção de mapas, devido aos seus conhecimentos de cartografia e dos caminhos das terras distantes.

Entretanto, atlas também aparece na Cordilheira do Atlas, localizada ao norte do continente africano, e é nessa perspectiva que retomamos seu significado nesta obra. Segundo Pardo (2007)¹, a toponímia grega atlas pode estar associada a contextos dos povos fenícios e imazighen do Norte da África. Os povos denominados *Imazighen* (homens livres), também denominados, pela visão colonizadora, de *Berberes* (bárbaros), que vivem na Cordilheira do Atlas, designam atlas como *adrar* ou “montanha”. Sempre resistiram aos sistemas colonizadores, fundamentando sua resistência, principalmente, no mundo árabe, através do território e da organização social igualitárias e da valorização dos valores ancestrais. Para os fenícios, atlas deriva de *addirim* e seus significados relacionam-se com “poderoso, forte, magnífico, principal”. (PARDO, 2007)

Estamos reapropriando o sentido da etimologia da palavra atlas pelos povos do norte do continente africano para significar o *Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS*, pois seus significados enfatizam força e grandeza magníficas. Portanto, o que podemos dizer sobre os quilombos de Porto Alegre, senão enaltecer suas forças, suas grandezas perante suas resistências, suas restaurações da liberdade coletiva? Além disso, temos o feminino, como força da mulher, que sustenta os territórios em seus ombros e que engendra as lutas com a cidade por seus filhos e por sua comunidade, edificando a política, a economia e as relações sociais dos territórios.

¹ PARDO, Fernando López. Un nombre fenicio para Atlas. *Gerión – Revista de Historia Antigua*, Madrid, v. extra, p. 133-141, 2007.



Fonte: Acervo de Rita Coronel da Rosa (2018)

Não vamos encontrar muitos textos e conceitos com discussões ampliadas sobre este tema, porém encontramos na oralidade destes povos a ideia sobre a qual esta publicação se sustenta. Nosso objetivo, ao construir este material, é de propor uma Geografia quilombola, compartilhada pelas encruzilhadas teórico-metodológicas, junto a quem produz a cidade, observando que corpos são esses, que a ocupam, e aprendendo as múltiplas formas, pelas quais eles a produzem e a sustentam.

As narrativas sobre os territórios, e o ato de dizê-lo, bem como sobre as diferentes formas de resistência, são próprias das comunidades. Respeitamos seus “lugares de falas” e seus protagonismos, para narrar seus quilombos, seus territórios e, assim, problematizar suas existências, através do “lugar de escuta”, que ocupamos, ou seja, como a/os pesquisadoras/es-extensionistas do Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) apoia os movimentos quilombolas da cidade. Sem realizar essa leitura apenas pela ótica dos sujeitos, que compõem a Universidade, essa relação se sustenta por uma Geografia da ação, portanto, compreende a *práxis* dialógica com os territórios quilombolas e as suas interfaces com os movimentos sociais.

Nestes territórios de memórias, encontramos experiências e narrativas de cosmogonias, que contribuem para a construção de outro olhar sobre a cidade



e de um projeto de sociedade menos universalista, entremeado pela dialógica de saberes no combate ao racismo. Como diz nosso geógrafo Milton Santos no documentário *Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá* (2006)², “[...] o papel ativo do território pode impor ao mundo uma revanche”. Eis o que esperamos que este material proporcione.

As cartografias contracoloniais, que surgem do processo do mapeamento coparticipativo, representam as narrativas territoriais das atuais nove comunidades quilombolas de Porto Alegre, pois cada qual, com suas particularidades, guarda consigo o registro das permanências e das resistências, que se entrelaçam em um panorama de segregação e de sobrevivência no e ao ambiente urbano, que é fortemente invisibilizado na cidade de Porto Alegre. Trata-se de mais uma das potencialidades de fortalecimento e de afirmação dos territórios quilombolas, através da narrativa e da representação do território quilombola, que é tão disputado, porém tão pouco discutido entre os atores sociais.

São inúmeras as disputas narrativas, a que estão sujeitadas as disputas territoriais cotidianas nos quilombos e em muitas outras comunidades, assim como o é a própria metodologia de cartografar no campo da Geografia e de outras ciências, que utilizam o mapa para representar o mundo. As leituras dos territórios invisibilizados de Porto Alegre não estão confinadas ao ponto de vista das comunidades quilombolas, que, apesar das suas particularidades, possuem questões em comum com as demais comunidades periféricas da cidade. Logo, faz-se indispensável a ampliação das cartografias quilombolas para as demais comunidades e, também, para a cidade, enquanto um todo integrado, ao qual se justapõem as territorialidades quilombolas. Do mesmo modo, faz-se indispensável a ampliação das metodologias em cartografia social, ajustando o foco e o fazer cartográficos, de acordo com as necessidades e com a interlocução de cada território.

Assim, o *Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS* é composto por uma coleção de textos, de trabalhos técnicos, de entrevistas e de um manifesto coletivo sobre a presença quilombola em Porto Alegre e sobre a influência das cosmovisões afro-indígenas na formação territorial brasileira. Destacamos o profundo impacto social, causado por esta publicação, no que tange ao reconhecimento e à valorização das geografias quilombolas na transformação do espaço urbano brasileiro e porto-alegrense, reunidas e analisadas para nos provocar, pedagogicamente, acerca das relações da produção de conhecimento e da reprodução desses conteúdos, a partir e para além da Geografia.

O material está dividido em dois volumes, com conteúdos diferentes, porém integrados. No primeiro volume do *Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS*,

² *Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá*, dirigido por Silvio Tendler (2006).



apresentamos a trajetória de trabalho desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), junto às nove comunidades quilombolas de Porto Alegre (RS), destacando as **CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS**, construídas com e a partir de cada comunidade quilombola da cidade: Quilombo da Família Silva, Quilombo do Areal, Quilombo dos Alpes, Quilombo da Família Fidélix, Quilombo dos Machado, Quilombo da Família Flores, Quilombo da Família Lemos, Quilombo da Família de Ouro e Quilombo da MOCAMBO. Chegamos ao final dessa obra com o início de mais dois autorreconhecimentos de comunidades quilombolas na cidade Porto Alegre: o Quilombo Santa Luzia, localizado no Jardim Cascata/Bairro Glória, e o Quilombo Kédi, localizado no bairro Três Figueiras que certamente possibilitará a continuidade de novos mapeamentos. No segundo volume desta obra, apresentamos diferentes formas e possibilidades de compreender os quilombos e os seus movimentos, permeando questões teóricas e metodologias, que se inscrevem na resistência, na resiliência e na formação da construção de territórios quilombolas, através das chamadas **EPISTEMOLOGIAS QUILOMBOLAS**, de modo a articular uma constelação de pesquisadoras e de pesquisadores, que, ao longo de suas trajetórias profissionais e de suas atuações políticas, junto aos movimentos sociais, compartilham conhecimentos acumulados em suas experiências de pesquisa, de ensino e de extensão.

Assim, convidamos toda a comunidade geográfica, acadêmica e, principalmente, quilombola de Porto Alegre e do Brasil a desfrutar dos ensinamentos e das aprendizagens contidos nesta obra. Desejamos, também, que essas páginas fortaleçam as compreensões do projeto político de organização espacial quilombola, visando à efetivação de medidas de reparação histórica e geográfica a todos os povos secularmente segregados, ao longo da formação socioterritorial brasileira.

Viva Dandara!

Viva Zumbi!

Viva a cultura popular!

Pedimos licença e as bênçãos para apresentar esta obra.